

## DA (IM)PERMANÊNCIA PESSOANA

### THE (IM)PERMANENCE OF PESSOA

*Ida Alves<sup>1\*</sup>*

[...] Traça de livro, motosserra predadora? Então, estou sempre voraz atrás de novas camadas de leituras, de interpretações do mundo, inconclusivas e inconcludentes, pois não há interpretação finalista do mundo. Estou sempre em movimento, buscando novas significações, novas florestas de sinais. Eu acho que é assim que o homem tem que ser. [...] Waly Salomão, 1998, p. 87.

#### RESUMO

Com o pressuposto de que há uma recorrente e determinante prática de citação a caracterizar a poesia portuguesa pós-90, buscamos demonstrar, neste artigo, como a poética e a prosa reflexiva de Fernando Pessoa, na sua multiplicidade e fragmentação, além de muitas marcas de leitura de textos alheios, retornam na escrita de alguns poetas portugueses mais recentes. Se, por um lado, na poesia portuguesa pós-90, silencia-se Pessoa como centro exclusivo de atração, como grandeza literária estática, de outro, manifestam-se práticas de deslocamento de suas *personas* líricas para *outra* contemporaneidade, a nossa. Entre essas *personas*, a inclusão de Cesário Verde, que Pessoa leu atentamente e tornou um interlocutor desejado. Com abordagem teórico-crítica sobre citacionalidade (Benjamin e Compagnon), “o gênio não original” (Perloff) e o “interruptor imprevisto” (figura delineada pelo próprio Pessoa), observaremos o que chamamos de (im) permanência pessoana em alguma poesia portuguesa mais recente, partindo, porém, de um escritor anterior, Carlos de Oliveira, que pensou a escrita fragmentária pessoana como espaço propício a recriações alheias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fernando Pessoa; Cesário Verde; citacionalidade; Carlos de Oliveira; poesia portuguesa contemporânea.

---

<sup>1</sup> Professora Titular de Literatura Portuguesa do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense. Docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura - UFF. Lidera, com a Profa. Dra. Celia Pedrosa, o grupo de pesquisa "Poesia e Contemporaneidade", sediado na UFF, com publicações e convênios internacionais. Também lidera o grupo de pesquisa "Estudos de Paisagem nas literaturas de língua Portuguesa", site <http://www.gtestudosdepaisagem.uff.br/>, com a Profa. Dra. Marcia Manir, da Universidade Federal do Maranhão. É Vice-Coordenadora do "Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras – PPLB", sediado no Real Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro. Tem publicado diversos livros, capítulos e artigos em revistas nacionais e internacionais sobre estudos de poesia portuguesa moderna e contemporânea e estudos de paisagem nas literaturas de língua portuguesa.



A revista *Metamorfoses* utiliza uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) (CC-BY-NC).

**ABSTRACT**

With the assumption that there is a recurrent and determinant citation practice that characterizes post-90 Portuguese poetry, we seek to demonstrate, in this article, how Pessoa's multiple and fragmentary poetics and reflexive prose, with many reading marks from many other texts, return in the writing of some more recent Portuguese poets. If, on one hand, in Portuguese poetry post-90, Pessoa is silenced as the exclusive center of attraction, as a static literary grandeur, on the other hand, practices of displacement of their lyrical personas to another contemporaneity, ours, are manifested. Among these personas, the inclusion of Cesário Verde, who Pessoa read carefully and turned into a desired interlocutor. With a theoretical-critical approach on citationality (Benjamin and Compagnon), "the non-original genius" (Perloff) and the "unforeseen disrupter" (figure outlined by Pessoa himself), we will observe what we call personal (im)permanence in some more recent Portuguese poetry, starting, however, from a previous writer, Carlos de Oliveira, who thought of the fragmentary writing of Pessoa as a space suitable for other people's recreations.

**KEYWORDS:** Fernando Pessoa; Cesario Verde; citationality; Carlos de Oliveira; Contemporary Portuguese poetry.

Folhear o imenso volume de *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa*, organizado por Jerónimo Pizarro, Patricio Ferrari & Antonio Cardiello, editado em 2010, é visualizar, ainda que parcialmente, os interesses, escolhas, relações literárias, formação e reflexões de leitura desse escritor desmedido. A publicação alia-se necessariamente à catalogação dessa biblioteca<sup>2</sup> e ao acesso digitalizado às obras no ambiente virtual da Casa Fernando Pessoa.

O escritor certamente foi reunindo seus livros desde jovem, vivendo em Durban (África do Sul), estudante em língua inglesa, a qual dominava<sup>3</sup> plenamente a ponto de usá-la em suas reflexões pessoais e em suas criações. A grande quantidade de obras em inglês na biblioteca pessoal marca um território de formação. Nessa língua, desenvolveu o conhecimento da literatura greco-romana (Esquilo, Eurípides, Homero, Horácio, Ovídio, Sófocles, Tácio), da filosofia, a par de muitos estudos sobre religião e sofias diversas<sup>4</sup>. Literariamente, encontram-se também, em suas prateleiras de livros, alguns autores franceses, como Baudelaire, Boileau, Chateaubriand, Daudet, Flaubert, Molière, Montesquieu, Victor Hugo e Voltaire, mas predominam os autores de língua inglesa como Milton, Robert Browning, Lord Byron, Chesterton, Coleridge, Keats, Bernard Shaw,

2 No site <https://bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/index/index.htm>, pode-se ler: "A biblioteca que pertenceu a Fernando Pessoa (1888-1935) – os livros que comprou, recebeu de amigos, ganhou, herdou, editou, leu e profusamente anotou – constitui o maior valor da Casa Fernando Pessoa. A Biblioteca Particular de Pessoa – cerca de 1300 títulos no total, mais de metade em língua inglesa – é o nosso espólio mais valioso e que está na origem da fundação da Casa Fernando Pessoa em 1993."

3 A respeito do bilinguismo de Pessoa, ler o artigo "Entre duas pátrias: o bilinguismo de Fernando Pessoa", de Patrícia Ferreira, publicado em *Pessoa Plural*: 6 (O./Fall 2014). Encontra-se on line em <https://doi.org/10.7301/Z06W98JS>

4 A catalogação da biblioteca particular indica as seguintes áreas: "Generalidades, Filosofia / Psicologia, Religião Teologia, Ciências Sociais / Direito / Administração, Matemáticas / Ciências Naturais, Ciências Aplicadas / Medicina / Tecnologia, Arte /Belas Artes / Recreação / Diversões /Desporto, Linguística / Filologia / Literatura e Geografia / História / Biografia".

James Joyce, Shakespeare, Austin Freeman, Ralph Waldo Emerson, H.G Wells, Walt Whitman, Oscar Wilde, Mark Twain, além de outros escritores traduzidos em inglês como Goethe e Tagore, além de Dante. Em língua portuguesa, registram-se muitos livros dos poetas Guerra Junqueiro, de António Botto, de Teixeira de Pascoaes; há também Gomes Leal, Mário de Sá-Carneiro, Almeida Garrett, Armando Côrtes-Rodrigues, Adolfo Casais Monteiro, Augusto Gil, José de Almada Negreiros, Afonso Duarte, Luís de Camões, além de outros nomes considerados ao seu tempo, mas hoje esquecidos, volumes oferecidos por companheiros literários ou recebidos / herdados de familiares. Da prosa portuguesa, há ainda obras de António Ferro, Jaime Cortesão, Mário Beirão, Fialho de Almeida, Carlos Amaro, Sara Afonso, João de Barro e José Gomes Ferreira.

Na clássica foto da arca pessoana (cf. *Fernando Pessoa: Uma Fotobiografia*, 1981), vê-se atrás uma estante simples que ocupa toda a parede, onde seus livros eram organizados. É de lembrar ainda a movimentação desse acervo por dificuldades financeiras, dadas as listas de livros, por exemplo, consignados para venda, existentes em seu espólio. Essa biblioteca particular abrigada, em nosso presente, na Casa Fernando Pessoa, digitalizada para acesso mais fácil de pesquisadores, demonstra a atividade de leitura do escritor. Muitos exemplares apresentam marginália, e alguns espaços em branco servem para escrever novos poemas ou versos ainda em elaboração. Pessoa, leitor e criador, criador porque leitor: diálogos, refutações, discussões, provocações, quanto esses livros terão sido importantes para ele ressoando em sua própria produção em prosa e em verso? A biblioteca como Babel, o leitor como colecionador<sup>5</sup>. Hoje, visitando o site com as obras digitalizadas, temos uma certa experiência labiríntica, imaginando trilhas de leitura que Pessoa terá traçado em meio a tantos projetos, esboços, obras que deixou a meio caminho. Cada heterônimo, um leitor de quê? Já Richard Zenith *et al.* (2003) tentaram responder a isso.

Ao mesmo tempo que lia, Pessoa escrevia continuamente. Pensaria o escritor como estaria presente no futuro em bibliotecas alheias? Com apenas uma obra publicada em vida e textos aqui e ali com visibilidade em revistas literárias e jornais da época, talvez não imaginasse nem fração do que se tornaria. Ou talvez compreendesse a criação como gesto mesmo labiríntico, livros em potência, textos instáveis e em permanente movimento, fadados ao silêncio e ao desconhecimento alheio. Obra em fragmentos, em devir.

Frente a essa biblioteca e verificando mais precisamente os livros de poesia aí existentes, sentimos falta de algum exemplar da obra de Cesário Verde publicada por Silva Pinto, em 1887<sup>6</sup>, ou de edições posteriores de 1901 e 1919, que poderiam talvez ser adquiridas ao tempo de

---

5 Cf. o artigo de Walter Benjamin, “Desempacotando a minha biblioteca uma palestra sobre o colecionador”, 2004, p. 207 a 214.

6 A respeito, escreve Carlos Reis: “O facto de a poesia de Cesário Verde ter ficado dispersa por publicações várias ou simplesmente inédita contribuiu para uma certa marginalização de que foi objeto, coisa de que, aliás, o poeta amargamente se queixou. E mesmo a publicação d’*O Livro de Cesário Verde*, pela sua feição quase artesanal e pela sua circulação restrita (200 exemplares distribuídos a amigos e a admiradores), não chegou a compensar, nesse ano de 1887 em que ocorreu, o relativo desconhecimento que só mais tarde foi superado.” (REIS, 2015, p.7-9)

Pessoa. No entanto, tanto este quanto seu trio principal heteronímico, além de Bernardo Soares, referem significativamente Cesário Verde, dando-lhe um lugar de importância no contexto de uma nova poesia portuguesa na passagem do século XIX para o XX<sup>7</sup>. As referências podem ser destacadas, tanto na prosa como na poesia. Ao tratar de “A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico”, na terceira parte, tentando caracterizar a “poesia de hoje”, Pessoa explica o que chama de poesia objetiva e evoca Cesário:

Segundo característico da objetividade poética é aquilo a que podemos chamar a plasticidade; e entendemos por plasticidade a fixação expressiva do visto ou ouvido como exterior, não como sensação, mas como visão ou audição. Plástica neste sentido, foi toda a poesia grega e romana, plástica a poesia dos parnasianos, plástica (além de epigramática e mais) a de Victor Hugo, plástica, de novo modo, a de Cesário Verde. [...] (PESSOA, 1982, p. 384-385)

Em outro texto [On modern Portuguese Literature; trad. Sobre a moderna Literatura Portuguesa] [dat. 1912?], diz de Cesário Verde, “who was the first to see in Portuguese poetry, the clearest vision of things and their real presence which can be found in modern literature” [“que foi o primeiro a ver na poesia portuguesa, a visão mais clara das coisas e da sua autêntica presença que é possível encontrar na literatura moderna”] (PESSOA, 1982, p. 420)<sup>8</sup>.

Entre os heterônimos, Álvaro de Campos cita mais vezes Cesário. Em “Dois excertos de odes (fins de duas odes, naturalmente)”, escreve:

Ah o crepúsculo, o cair da noite, o acender das luzes nas grandes cidades,  
[...]  
Cada rua é um canal de uma Veneza de tédios  
E que misterioso o fundo unânime das ruas,  
Das ruas ao cair da noite, ó Cesário Verde, ó Mestre,  
Ó do “Sentimento de um Ocidental”!

Que inquietação profunda, que desejo de outras cousas,  
Que nem são países, nem momentos, nem vidas,  
Que desejos talvez de outros modos de estados de alma  
Humedecer interiormente o instante lento e longínquo!  
(CAMPOS, 1999, p. 31)

Em outro poema datado de 31-12-1929,

Nunca, por mais que viaje, por mais que conheça  
O sair de um lugar, o chegar a um lugar, conhecido ou desconhecido,  
Perco, ao partir, ao chegar, e na linha móbil que os une,  
A sensação de arrepio, o medo do novo, a náusea –  
Aquela náusea que é o sentimento que sabe que o corpo tem a alma.  
Trinta dias de viagem, três dias de viagem, três horas de viagem –  
Sempre a opressão se infiltra no fundo do meu coração.  
(CAMPOS, 1999, p. 175)

<sup>7</sup> Vale ler o texto sobre Cesário Verde, assinado por Gustavo Rubim, in FEIJÓ; FIGUEIREDO; TAMEN. (2020).

<sup>8</sup> Ver também pp.352 e 354 de *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias*, 1967.

Também em poema de 6-4-1930,

Cesário, que conseguiu  
Ver claro, ver simples, ver puro,  
Ver o mundo nas suas cousas,  
Ser um olhar com uma alma por trás, e que vida tão breve!  
Criança alfacinha do Universo,  
Bendito sejas com tudo quanto está à vista!  
Enfeito, no meu coração, a praça da Figueira para ti  
E não há recanto que não veja por ti, nos recantos de seus recantos.  
(CAMPOS, 1999, p. 285)

Pessoa e suas *personas* leram bem Cesário Verde, tornaram-no um deles, evidenciando exatamente o modo novo de ver a condição urbana que se firmava com a modernidade finissecular, com suas tensões e contradições que marcariam o novo século. O leitor voraz que Pessoa foi soube compreender a voz diferenciada do jovem poeta que morrera tão cedo quando ele próprio nascia. Se Cesário nem mesmo publicou um livro em vida, com um incêndio da casa paterna consumindo seu possível acervo guardado no quarto, encontrou em Pessoa um leitor que, temporalmente próximo ainda, reconheceu nele um contemporâneo e o trouxe para o interior de sua própria obra em processo, que ficaria igualmente sem publicar em vida do escritor.

No entanto, a atuação pessoana na gênese do modernismo português não ficou tão à margem como a de Cesário ao seu tempo. No número da revista “Presença” de 1936 dedicado a Pessoa, falecido em novembro de 1935, textos de escritores e críticos diversos exaltam sua figura e a presença literária. Um poeta mais novo como Adolfo Casais Monteiro o interrogara por carta datada de 10/01/1935 a respeito da heteronímia. Sua poética (com inéditos da arca) começa a ser publicada em cinco volumes por João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor pela editora Ática, de 1942 a 1946, como bem sabemos.

A escrita pessoana espalhou-se pelo século XX; sua obra fragmentária, com tantas lacunas e questões a responder, invadiu poéticas alheias, por adesão, confronto ou interrogação, transformando-se ao longo das décadas em um centro obsessivo de atenção. Tornou-se onipresente como Camões, na cultura portuguesa. Hoje, em nossa contemporaneidade marcada pelo consumismo e massificação dos desejos, é talvez o produto cultural português mais atrativo<sup>9</sup>, com sua imagem reproduzida em tantos produtos turísticos, sua estátua em *A Brasileira* para abraços e poses de turistas, com os materiais do espólio continuamente discutidos, estudados e publicados. A Casa Fernando Pessoa é inaugurada em 1993 e seu espólio documental passa a ser considerado, por decreto-lei de 15/09/2009, “tesouro nacional”. Portanto, uma onipresença que, às vezes, satura.

---

9 Sobre a relação de Pessoa com a publicidade, é bastante interessante a leitura do texto “A estratégia de posteridade autoral de Fernando Pessoa”, de Sara Timóteo, publicado em [http://lounge.obviousmag.org/o\\_reverso\\_do\\_ser/2015/05/a-estrategia-de-posteridade-autoral-de-fernando-pessoa.html](http://lounge.obviousmag.org/o_reverso_do_ser/2015/05/a-estrategia-de-posteridade-autoral-de-fernando-pessoa.html). Acessado em 15/08/2021.

Contudo, ao lermos a poesia portuguesa publicada a partir dos anos 90 até o momento, notamos certo apagamento de Pessoa, ainda que seja uma produção que utilize bastante a citação e referências diversas à cultura portuguesa e estrangeira. Os poetas de agora criam em meio a um repertório estético multifacetado. Muitos problematizam os modos de criação e não se eximem da apropriação ou da rejeição, até mesmo da rasura radical, de textualidades alheias e próprias, deixando em suas obras ecos, restos e traços desse trabalho contínuo de leitura crítica. O confronto dessas vozes é consequente para movimentar concepções de lirismo e para compreender como se institui ou se desenvolve a crítica de poesia, a relação com tradições, as mutações interpretativas e a circulação de obras poéticas. Como cita Walter Benjamin, *Pro captu lectoris habent sua fata libelli* (Os escritos têm seu destino de acordo com a capacidade do leitor.)<sup>10</sup>. Mas há realmente um apagamento pessoano na poesia de agora?<sup>11</sup>

Carlos de Oliveira, leitor de Pessoa

Antes de responder a essa questão, vamos dar um passo atrás, destacando um outro poeta, cujo centenário de nascimento celebrou-se exatamente neste ano de 2021 e cuja obra se aproxima de Pessoa de três formas, como procuraremos explicar. Trata-se de Carlos de Oliveira, cujo trabalho literário marcou-se por obras contundentes como os romances *Casa na Duna*, *Uma Abelha na Chuva*, *Finisterra* e por sua obra poética tão depurada e exigente, além de livro que reúne textos de caráter híbrido intitulado *O Aprendiz de Feiticeiro*. Sua obra produzida dos anos 40 ao final dos anos 70 evidenciou gestos especiais de reescrita a significar uma radical ação crítica sobre a composição de seus próprios poemas e prosa, constituindo o que chamamos de “cenas de escrita e de leitura”, ou seja, a articulação de certos gestos que dão a ver um pensamento interrogativo sobre a relação intrínseca entre escrita e leitura na prática da criação literária: acolhimento de versos alheios, transformação de versos próprios produzidos em tempos anteriores, rasuras de outros, a escrita como trabalho contínuo, ato original / não original de criação.

Joaquim Manuel Magalhães diz de Carlos de Oliveira que este é “um dos poetas portugueses do século XX que eu mais admiro”<sup>12</sup>. Magalhães não é crítico benevolente. Poucos são aqueles sobre os quais, como crítico rigoroso, ele escreveu. Compreendemos essa admiração analítica: Oliveira trabalhou materialmente a tradição lírica portuguesa e construiu à sua maneira uma “teorização” da leitura como ato fundamental para a criação lírica. Em livros de reunião de sua poesia ou novas edições de títulos anteriores, que são publicadas de 1962 a 1978, muitos são os textos que apontam a escrita como ato de citação, de repetição com deslocamento, de colagem, montagem e diálogo intertextual. Nessa consciência processual de que a escrita é a outra face

---

10 BENJAMIN, 2004, p. 209.

11 Em conversa informal, Jerónimo Pizarro indaga: “Herberto Helder e Cesariny apagam Cesário... Estarão [alguns poetas contemporâneos] a tentar apagar Pessoa através desse apagamento?” Algo a discutir ainda.

12 Entrevista ao Jornal *Público*, Lisboa, em 26 de outubro de 2018.

da leitura, reviu a partir dos anos 60 toda a sua obra anterior (poesia e narrativa) tirando dela sua camada propositiva (determinada retórica social típica do neorrealismo), a qual impedia a escrita que lhe importava: a linguagem poética como trabalho de transformação da memória pessoal e literária, em busca da brevidade textual ou da paradoxal estabilidade precária do corpo escritural. Seu primeiro livro intitulado *Turismo* (1942) reaparece completamente reescrito somente em edição de 1976 (*Trabalho Poético*), restando apenas algumas imagens, fragmentos de versos, restos líricos, após todo um processo de seleção, exclusão e depuração.

Oliveira foi um leitor constante da tradição literária ocidental e portuguesa, popular ou clássica, de sua própria obra e de jovens poetas à sua volta. Essa situação de leitor / criador, sobre a qual reflete em alguns textos de *O aprendiz de feiticeiro*, já citado, leva-o ao encontro exatamente de Pessoa, mostrando-o como um centro irradiador de leituras. Desde o primeiro texto desse livro, “A viagem”, as *personas* pessoanas se apresentam; no caso, Álvaro de Campos e o verso “ó companheira que eu não tenho nem quero ter”. (OLIVEIRA, 1992, p.415), indicando já um embate reflexivo com o outro poeta, pois

Olho para Gelnaa e não compreendo: tenho-a e quero tê-la. Mas ao mesmo tempo compreendo; não a devia ter a ela; ou não vale a pena tê-la; ou então dói-me a sua fragilidade, sombra dum arquétipo, eterno neste momento. Logo depois volto a não compreender: meu amor mortal, de carne e osso, tenho-te para sempre, agora. Coisas que se equivalem, na gramática relativa da vida. Não nos deram outra, Gelnaa. E mal acabo de pensar isso compreendo de novo: nenhuma companheira é possível e as solidões somadas pesam mais que uma só. Etc. (1992, p. 415)

Em outro texto, “O Inquilino”, Oliveira esboça uma cena pessoana. O inquilino num quarto se põe a falar: “Aceito a ordem / das coisas, a geometria / imposta do quarto? / Os objectos no / seu lugar de sempre, / a distância exacta / da cadeira à mesa / do meiple à janela? / O sono do tapete? / O universo diário / do quarto alugado, / as molduras que / cercam, resguardam / naturezas mortas, / paisagens imóveis?” [...] Ou desencadeio / a insurreição / mudando de sítio / o meiple, a cadeira, / mudando-me a mim?” (1992, p. 439). Após esse poema que ocupa mais de duas páginas, Carlos de Oliveira afirma que “Sempre pensei escrever teatro.” (p.439). Uma das peças imaginadas se intitularia “A barragem” e a segunda, “Mrs Davies”,

história duma sul-africana relativamente misteriosa, [...] vinda da Cidade do Cabo, desembarca em Lisboa a 29 de novembro de 1935, véspera da morte de Fernando Pessoa. Tinha-o conhecido em Durban, numa escola inglesa, ambos pequenos, ele com novo ou dez anos, ela com cinco ou seis, e vinha enfim procurá-lo conforme prometera um dia, quando os pais a levaram da cidade para uma quinta no interior do Transvaal. Pessoa foi-lhe sempre fiel. Nunca mais a esqueceu embora julgasse que sim e cantou-a sem desfalecimento sob o nome de Infância, heterónimo de Mrs Davies. [...] (1992, p. 441)

Peças nunca escritas, afirma Oliveira mais adiante. O texto desenvolve algumas ideias sobre a misoginia pessoana e sua relação complicada com a sexualidade, questionando a ideia

de obsceno de que trata Pessoa em carta a João Gaspar Simões, de 18/11/1930. Comenta Oliveira: “Mas que importância tem isto senão a de pôr a nu alguns preconceitos sociais de Pessoa?” (1992, p. 443).

Pessoa retorna ainda em outro texto de Oliveira intitulado “Na floresta”, no qual faz uma compilação de citações literárias com a imagem da floresta. Chamando o poeta da heteronímia de “complicado pensador de sentimentos” (1992, p.539), liga-o à ideia de perder, perder-se na floresta do tempo.

Carlos de Oliveira (falecido em 1981) deixou, como Pessoa, um espólio inesperado que só foi doado por sua viúva ao Museu do Neo-Realismo, Vila Franca de Xira, em 2012. Essa doação inesperada revelou, após sua catalogação (com mais de 9 mil itens) a face até então submersa de sua oficina de criação, onde se vê agora a compilação de materiais diversos para o exercício da escrita. Materializa-se o intenso e contínuo trabalho de leitura de outros escritores, o grau de intensidade do dialogismo literário. O espólio documenta um aproveitamento crítico e criativo de muitos outros materiais (seus e alheios, publicados ou não), que marcam indelevelmente a trama mais interna de tudo o que produziu. Os processos de colagem, montagem, apropriação, tradução e recriação sempre foram do interesse desse escritor e se manifestam tanto na obra publicada como nos esboços, nos fragmentos existentes no espólio. Exemplo a destacar nesta aproximação com Pessoa é também a atenção que dá ao poeta oitocentista, Cesário Verde. Chega a esboçar uma narrativa que teria como personagens reatualizadas as figuras femininas presentes na lírica de Verde. Cataloga seu léxico compondo, por exemplo, uma listagem de expressões estrangeiras presentes no *Livro de Cesário Verde*.<sup>13</sup>

De fato, Carlos de Oliveira expõe uma concepção de escrita devedora da leitura, tanto na atividade literária, propriamente considerada, como na reflexão crítica (artigos, comentários, respostas em poucas entrevistas em revistas / jornais, correspondência). Há, em sua obra, um pensamento complexo da criação, discutindo, à sua maneira, a ideia de originalidade / não originalidade, completude / incompletude textual. Com esse horizonte, o universo pessoano na sua fragmentariedade e cruzamento de vozes, na sua tendência ao inacabado e com sua face submersa (numa arca), certamente provocou no escritor posterior, seu leitor atento, certo fascínio sobre os gestos de criação literária<sup>14</sup>.

Pessoa, ausência / presença na poesia mais recente

---

13 Esses documentos encontram-se no espólio no Museu do Neo-Realismo.

14 Eduardo Lourenço, numa entrevista a Antonio Guerreiro, publicada em parte na Revista Relâmpago (n. 22, 2008, p.55), ao comentar sobre Carlos de Oliveira, registra: “[...] Mas era alguém muito atento aos movimentos e às metamorfoses que se passavam no campo da literatura. Lembro-me como ficou fascinado com o Fernando Pessoa. E é essa atenção que determina um livro como *Finisterra*, que é uma autêntica revolução, completamente diferente da sua escrita narrativa anterior. [...]”. Agradecemos essa referência ao Prof. Osvaldo Silvestre, em palestra e perguntas no *Colóquio Centenário de Nascimento Escritor Carlos de Oliveira*, realizado de 24 a 26 de agosto de 2021, on line, no canal YouTube do PPG Estudos de Literatura UFF (palestra final de 26/08/21).

De Carlos de Oliveira aos poetas portugueses pós-90, para os quais a prática de citação é tão significativa, voltamos à pergunta anteriormente feita sobre haver um apagamento pessoano na poesia de agora. Vamos responder a isso tendo em mente o que Perloff chama de *citacionalidade*<sup>15</sup>, “com sua dialética de remoção e enxerto, disjunção e conjunção, sua interpenetração de origem e destruição” (Perloff, 2013, p.48). Articulamos também o pensamento de Walter Benjamin, que tanto discutiu as ideias de citação, compilação e exerceu a escrita em fragmentos. Impossível ainda não referir o já clássico trabalho de Antoine Compagnon, *La seconde main ou le travail de la citation* (1979). De Benjamin, destacamos a ideia de que “Na citação, os dois reinos – da origem e da destruição – justificam-se diante da linguagem. E, reciprocamente, somente quando se interpenetram – na citação – é que a linguagem se consoma.” (*Apud* Perloff, 2013, p. 27); de Compagnon, a reflexão sobre “La citation travaille le texte, le texte travaille la citation.[...]” (1979, p.45).

Assim, o que, em síntese, desejamos pensar agora sob o título da (im)permanência de Pessoa na poesia portuguesa pós-90 é como certas poéticas questionam as textualidades que lhe são anteriores (daí o excesso de citações, a fragmentação, os gestos de conjunção e disjunção, o trânsito entre discursos, a degradação irônica das linguagens estéticas, a variação de níveis discursivos no plano do poema) e os modos como as subjetividades se configuram em torno da ideia da palavra original ou não original (com gestos de aproximação e afastamento, apropriação e desapropriação, autoridade e desprestígio autoral na relação entre poetas, leitores e críticos), assumindo-se diferentes relações com o seu tempo e com os tempos anteriores que lhe servem de lastro. Nesse confronto *crítico* de textualidades e respectivas temporalidades (tradições), podemos focalizar, enfim, diferentes práticas de compilação envolvendo Pessoa, as quais se manifestam e se problematizam na poesia portuguesa recente.

Para isso, vamos referir somente alguns poetas como Manuel de Freitas, Pedro Mexia, José Miguel Silva, Golgona Anghel e Margarida Vale de Gato, entre outras possibilidades. Nessas poéticas em que uma das marcas evidentes é a citacionalidade, Pessoa é pouco evocado nominalmente e não ocorre um trabalho de compreensão ou de interrogação de sua escrita como vimos em Carlos de Oliveira, ou como poderíamos discutir considerando Jorge de Sena<sup>16</sup> (autor, aliás, de vários estudos pessoanos), Sophia de Mello Breyner Andresen e Fiama Hasse Pais Brandão. Outro poeta marcante do século XX, Cesariny de Vasconcellos vai mesmo desconstituí-lo a partir exatamente de certos tópicos sobre os quais também pensou Oliveira, como a questão do sexo e do obsceno, envolvendo suas *personas* líricas. Basta ler *O Virgem Negra* (1ª. edição é de 1989) para participar desse confronto desconstrutor da imagem meio mitificada que a obra pessoana ganhou com o passar do tempo e sua onipresença na literatura portuguesa e mesmo mundial.

---

15 Ao leitor interessado, indicamos o estudo de SALGUEIRO, 2017, p.203-2018, sobre esse tema na poesia brasileira contemporânea.

16 A propósito, indicamos ao leitor interessado o artigo de Osvaldo Silvestre intitulado «O Menino (Doutor) entre os Doutores: Fernando Pessoa em Jorge de Sena, nos anos 40». *Central de Poesia: A recepção de Fernando Pessoa nos anos 40*. Lisboa. CLEPUL. 2011, pp. 65-86.

Para os poetas mais novos, não se trata mais de romper com Pessoa, imobilizado no cânone português como “poeta maior”, mas de deslocá-lo para dar voz a Cesário Verde, seu mais próximo interlocutor, realçando sua sensibilidade urbana e uma linguagem original que dá a ver um mundo em transformação. Por meio de Pessoa, Cesário Verde ressoa nessa poética contemporânea e é por meio de Verde, que Pessoa / Álvaro de Campos tem voz. Essa escrita lírica contemporânea extremamente urbana e crítica das condições da vida atual, não compreende mais Pessoa como um centro lírico, mas como um dispersor de vozes, um encenador de sentimentos, uma textualidade fragmentada que se reorganiza de uma forma a cada leitura. E é isso que chamamos aqui de (im)permanência de Pessoa. Ao discutirem agudamente o espaço citadino (no caso desses poetas, a Lisboa do século XXI) e a realidade instável, distópica e de muitos e variados desequilíbrios (individuais, sociais, econômicos, culturais, morais, etc), apropriam-se de Pessoa-Cesário-Campos, movimentando suas vozes e seus versos, mas sobretudo um modo de escrever a cidade e de habitá-la com lucidez.

Manuel de Freitas, poeta, editor, crítico, tradutor, nome que se firmou na poesia portuguesa a partir de 2000, é autor de um ensaio bastante interessante intitulado “Da citação como uma das belas artes – sobre Irene ou o contrato social”, de Maria Velho da Costa, publicado no livro *Pedacinhos de Ossos* (2012). Aí, considera “Quando se não reduz a um mero adorno para dissimular a pobreza de ideias ou de estilo, a citação em literatura é, sem dúvida, uma arte” (p.43). Com suas muitas funções (“lúdica, irônica, depreciativa ou laudatória”), além de outras, o jogo intertextual que a citação indica revela um modo de ler, um movimento de absorção ou de devoração da matéria alheia ou própria. Se essa prática tem longa tradição, sem dúvida, na literatura do século XX e agora no XXI tem havido forte recorrência desse processo com evidente função crítica. Freitas, em nota, lembra como Fernando Pessoa utilizou a autocitação “nos comentários e citações que alguns dos seus heterónimos trocam entre si ou – e já enquanto quase incessante auto-intertextualidade – na obra de Maria Gabriela Llansol.” (p. 45). Ao estudar especificamente o romance de Maria Velho de Costa, o qual já envolvia a citação como sua matéria ficcional, a personagem Irene, a partir da escritora Irene Lisboa, Manuel de Freitas considera que a escrita dessa autora apresentava uma marca “tenazmente incompreendida pelo público da época: um confessionalismo audaz e persistente que, conjugando a lição plástica de Cesário com a disciplina introspectiva de Pessoa, se soube entrecruzar de modo fluido com impressionantes retratos literários e humanos de uma Lisboa pobre e envergonhada.” (p.48)

Nesse longo ensaio de Freitas, revela-se o forte interesse que esse poeta manifesta em sua própria escrita sobre o gesto citacional, sobre “esses impressionantes retratos literários e humanos” da Lisboa contemporânea, cruzando-se os modos de ver e de pensar de Cesário Verde e Álvaro de Campos. Como é dito no romance de Maria Velho da Costa e destacado por Freitas, “coisas também se inventam nas palavras dos outros” (p.80) e é esse modo de ser original com matérias ou formulações alheias que se torna uma questão muito produtiva para compreensão de muito que se vem produzindo na atualidade. Marjorie Perloff exatamente discutiu esse tema em seu *O gênio não original* (2013). Se trabalhasse com poetas portugueses de agora, teria um campo fértil de discussão.

A poesia de Freitas, já com tantos livros publicados, explora bastante o tema da leitura e esse entrecruzar de vozes e palavras, suas e alheias. Nele seguimos um modo muito atento de ver a cidade (num prolongamento de Cesário) e um pensamento íntimo das coisas, dos animais e das pessoas, que podemos aproximar de maneira instável de Álvaro de Campos e do próprio Pessoa. Porém, a presença pessoana como citação na poesia de Freitas é rasurada, irônica, representando um determinado modo de entendimento das coisas e do literário que o poeta de agora parece, ao mesmo tempo, acolher e rejeitar. No pequeno volume de *Vai e Vem* (2005, p.19), escreve Freitas:

[...]  
 No entrementes, Dona Benilde acha  
 muito mal que duas raparigas  
 se beijem tão nitidamente à sombra  
 do jardim – se fossem homens,  
 acrescenta, estranharia menos.  
 Mas afinal (ó Pessoa) uma delas é rapaz  
 e o mundo volta a ser perfeito.

Em outro livro, *A flor dos terremotos* (2005, p.46), no poema “Love me tender”, lemos:

Estou cansado de pessoas.  
 Contudo, sentando ao balcão  
 a sua garrida mini-saia, Daisy  
 insiste em chorar sobre a quinta imperial.

Ainda bem que neste bar  
 não são admitidos pessoanos  
 (seria concorrência desleal,  
 convenhamos). E contudo Daisy  
 chora, esconde o rosto em lenços  
 de papel expressamente concebidos  
 para atenuar o desamor  
 e precaver a melancolia atípica.  
 [...]

Há nesse olhar sobre a vida urbana tão característico da poesia de Freitas, a ressonância quase inescapável, em contexto poético português, à lição plástica de Cesário (aquele que soube ver) misturada aos restos líricos de Álvaro de Campos, na sua amarga deambulação pela Lisboa pouco vivida fisicamente.

Em “Cadenza”, texto em prosa do livro híbrido *Cólofon* (2012), essa articulação Cesário-Pessoa retorna. Tendo se deslocado ao Porto, escreve sobre a “Rua do Comércio do Porto” (p.35):

Tapumes, casas já sem cores, prédios verticalmente abandonados, nenhum rosto ou sequer gato nas janelas. Apenas, num quarto andar, uma luz pequena, a incidir sobre arquivos, capas de vários tamanhos que me obrigam a conjecturar como teria sido a poesia de Fernando Pessoa se ele tivesse vivido e morrido no Porto. Talvez a mesma, talvez absolutamente outra.

Ao mesmo tempo, Fernando Pessoa irrita como “uma espécie de medida de todas as coisas – barómetro, por excelência, da definição / revolução poética por muitos defendida”. (2012, p.37). Freitas rejeita o modo de ler Pessoa com “a noção da gravidade e do mistério da vida” em prol de

uma leveza inquieta, um certo fastio da metafísica (que também encontramos, aliás, em Fernando Pessoa), um repúdio das conveniências e de revoluções já antigas. // Mas não se trata – tranquilizem-se – de matar ninguém: pai, tio ou padrasto. A poesia só é um trabalho de luto quando os vivos, alguns, deixam de estar connosco. Escusam, portanto, de me vir com parricídios à la Bloom e outras simplificações requintadamente genealógicas. A poesia, tal como a entendo, é um encontro firme e inaugural – connosco, mas também com o mundo. [...] (2012, p. 37)

Em *Game Over* (2017, p.29), num poema intitulado “O futuro é já aqui (uma tese para a filosofia da escória)”, esse futuro que é “este festim de destroços / a vista de ninguém – exacto.” (p.28) evoca de novo a voz pessoana, na estrofe final:

E não será certamente agora,  
depois de tudo (ou do nada),  
que um comboio de corda  
nos levará de novo  
à infância triste do mundo:  
nosso irreal inferno possível.

E, em 2019, no livro *Jardim da Parada* (p.110), arma-se com a ironia para rejeitar os modos de leitura que transformam a poesia em mercadoria: “Qualquer pessoa – incluindo Fernando, o Grande – poderia ter escrito o melhor poema português dos últimos cem anos. Basta juntar palavras ou ter um bom agente literário.”(s.p). Ressoa também aí Cesário, em “Contrariedades” (1992, p. 108-110): “Nas letras eu conheço um campo de manobras; / Emprega-se a réclame, a intriga, o anúncio, a blague, / E esta poesia pede um editor que pague / Todas as minhas obras...”

Nessa cidade esquadrihada por esses poetas, há, em sua realidade física ou ficcional, um espaço síntese que une os poetas do passado com o do presente: a taberna. Escreve Campos:

[...]  
Minha grinalda de poeta – era de flores de papel,  
A tua imortalidade presumida era o não teres vida.  
Minha coroa de louros de poeta – sonhada petrarquicamente,  
Sem capotinho mas com fama,  
Sem dados mas com Deus –  
Tabuleta de vinho falsificado na última taberna da esquina!  
9-3-1930  
(CAMPOS, 1999, p. 284)

Freitas anota:

A luz fria de Dezembro consentiu  
que erguesse a mão, a que nada  
tinha para dizer. No dia em que fazia anos.

“Tudo morreu” – voltou a dizer Aurora, Dona  
Aurora, última sobrevivente de um bairro  
em que pretos e ucranianos procuram como ela  
comprar mais barato tudo aquilo que nos mata.

A quem deixará, não sabe, tantas bonecas,  
coisas de perder concretas, de Espanha  
ou de longe trazidas. O texto – reparem –  
caiu um pouco mais. O frigorífico está desligado.  
São poucos os clientes que lhe suportam  
a miséria, panela de couves sem lume.

Com a poesia, bem sei, é a mesma coisa.  
Mas eu prefiro esta taberna a todos os poemas  
que já li. Não foram muitos, de resto.

[...]

(2005, p. 48)

Na página seguinte, no poema “The sky’s gone out”, mais referências ao “Esteves da taberna homónima”, “O Esteves, por exemplo, nunca / ouviu falar do parente literário / que talvez tivesse sido dono de uma tabacaria.” (p.48)

A poesia de Freitas, que manifesta incessantemente esse olhar urbano e essa leitura contínua de textualidades alheias, põe Pessoa e suas *personas* em permanente desvio, ora aproximando-se, ora afastando-se, resistindo à imobilização que a academia ou o comércio literário acabam por imputar ao poeta do desassossego. Nessa vontade de resistência à imobilização, compreendemos a escolha de trazer Cesário e Pessoa, como vidas lidas nas poéticas ou textos reflexivos de outros poetas de agora, que abordaremos mais brevemente.

A poeta Golgona Anghel, em seu conjunto de estudos *A forma custa caro exercícios inconformados* (2018), dedica um estudo a Pessoa, a partir de uma crônica assinada por ele e intitulada “O Homem de Porlock”<sup>17</sup>, publicada em 15/2/1934, no jornal *O Fradique*. Ali, Pessoa trata da dificuldade de criação, da interrupção do pensamento criativo pelo surgimento de algo que retira o poeta de seu mundo particular. Ilustra essa situação com a figura de “o interruptor imprevisto”. Pessoa está discutindo em seu texto o extraordinário da criação poética a partir do poema “**Kubla Kahn**” de Coleridge. Não vamos aqui resenhar o ensaio de Anghel, mas apenas destacar uma citação do texto pessoano:

---

17 Para leitura completa do texto, ver [http://www.pessoadigital.pt/en/pub/Pessoa\\_O\\_Homem\\_De\\_Porlock](http://www.pessoadigital.pt/en/pub/Pessoa_O_Homem_De_Porlock). Está publicado em *Pessoa Existe?* (PIZARRO, 2012), fac-similado.

Esse visitante, – perenemente incognito porque, sendo nós, não é “alguém”: esse interruptor perennemente anonymo, porque sendo vivo é impessoal – todos nós o temos que receber, por fraqueza nossa, entre o começo e o termo de um poema, inteiramente composto, que nos damos licença que fique escripto. E o que de todos nós, artistas grandes ou pequenos, verdadeiramente sobrevive são fragmentos do que não sabemos que seja, mas que seria, se houvesse sido, a mesma expressão da nossa alma.” (apud ANGHEL, 2018, p.60)

Escreve Golgona: “Seguindo a lógica do estilhaçamento enquanto motor de criação, Jerónimo Pizarro, ao referir-se a este texto, identifica-o como sendo ‘nada menos do que o esboço de uma teoria do fragmento’” (2018, p. 60). Ora, essa espécie de lição pessoana<sup>18</sup>, parece encontrar sua mais recorrente prática exatamente nessa poesia pós-90, em que a ideia de fragmentação ganha muito sentido na prática obsessiva de citação e na composição poemática feita de sobreposições de elementos díspares ou divergentes. O jogo entre excesso e falta atravessa as poéticas de agora e, nesse sentido, é esse pensamento pessoano da interrupção que ressoa muito nessas escritas, e não a figura literária consagrada, inerte no cânone. Os poetas de agora não lhe rendem homenagem, mas ecoam, na prática do fragmento, seu pensamento lírico de “indisciplinador de almas”, como lhe chamou Jorge de Sena ou “o complicado pensador de sentimentos”, como disse Carlos de Oliveira.

Vejamos outro poeta, Pedro Mexia, o qual, em sua poética, trata bastante da cidade, do cruzamento de referências<sup>19</sup>, vivências e experiências cotidianas. É um poeta-crítico do seu tempo e da literatura contemporânea. “Não somos nunca contemporâneos / de quem precisamos / porque o mundo protege / o seu equilíbrio. Nós / não escolhemos nem uma vírgula / e Deus escolhe mal. (2000, p. 37). O confronto com o tempo, os encontros e desencontros, os fragmentos que ficam do que se perde. “Cruzou-se comigo, atravessou-se-me à frente / o tempo, o mesmo que / o bispo de Hipona sabia definir / se não lhe perguntassem. [...] Cruzou-se comigo, atravessou-se-me / à frente a incômoda / verossimilhança da memória, o ele perdido,

---

18 Na edição de *Obras em Prosa*, de Fernando Pessoa, pela Editora Nova Aguilar, 1982, a partir da p. 473, encontra-se um conjunto de textos sob o título “Da permanência e impermanência das obras literárias” e subtítulo “Heróstrato”, “Ultimatum”. A discussão que o poeta faz sobre celebridade, grandeza, gênio, universalidade do gênio e temas afins, além de uma teoria do fragmento a partir do texto “O homem de Porlock”, são examinados por João Dionísio, em *Doença bibliográfica* (2021). Ver p.47 et seq., p.96 et seq. (agradeço a Jerónimo Pizarro essa referência agora consultada on line em <https://imprensanacional.pt/wp-content/uploads/2021/10/Doenca-Bibliografica.pdf>). Dionísio, por sua vez, cita PESSOA, Fernando. *Heróstrato e a Busca da Imortalidade*, edição de Richard Zenith, tradução de Manuela Rocha, Lisboa: Assírio & Alvim, 2000. No arquivo Pessoa, obra édita, encontra-se o índice e fragmentos do projeto “IMPERMANENCE - A Greek intellect and a modern sensibility; IMPERMANENCE - A mesquinhez; IMPERMANENCE - First comes the choice of authors; IMPERMANENCE - It is more difficult to affirm what shall survive...; IMPERMANENCE - The problem of the survival of literary works, Cf. em <http://arquivopessoa.net/textos/1201>

19 A cada livro, referências pessoanas, como, por exemplo, em *Eliot e Outras Observações*, 2003, referindo o *Livro do Desassossego* e reescrevendo o poema “A ceifeira”, de Pessoa, com nova figura feminina, “magras estudantes”. Poema “Elas passam”, p. 54-55.

/ um passado que existe / só em fotografias e por isso é escandaloso. [...] (2000, p. 20). No seu livro *Contratempo*, uma auto-antologia, “poemas escolhidos”, a relação com a memória é muito evidenciada em paralelo com a percepção do espaço urbano circundante, conjugando a plasticidade do lirismo de Cesário com o devaneio pessoano das coisas e das gentes. A ideia de interrupção no curso do poema também se delineia no uso de termos como parêntesis, suspensão, do verbo desintegrar, a incompletude final. Leia-se o poema “Lisboa, cerca moura”:

É verão e o branco de Lisboa não se cansa  
da brancura, o céu de um azul  
pálido e constante, na sombra da esplanada  
os pedreiros falam alto, num português bruto,  
os estrangeiros, que nunca leram Cesário,  
louvam o encanto da lota, as raparigas passam,  
melhores que qualquer cidade,  
enquanto o vento tempera o calor.

Lembrando que existe um rio.  
Mas a sombra é um parêntesis, a brancura  
um parêntesis, o próprio vento e as raparigas  
uma suspensão do quotidiano  
que teima em desintegrar-se,  
em resistir à superfície da escrita.  
Nesta cidade que tranquilamente  
se deixa ficar nas colinas, quem sabe  
se à espera, quem pode saber.  
(2016, p. 73)

Outro poeta José Miguel Silva, num livro intitulado *Vista para um pátio seguido de Desordem*, transita por esses caminhos, com tantas referências, atento ao espaço urbano, com a percepção cesariana mesclada ao arruinamento cotidiano experimentado por um Álvaro de Campos contemporâneo.

NOVE

Num bairro semi-fábril, não compensa o estatuto  
de classe média baixa. Os primeiros patins da rua,  
vão fazer-te cair. Os contrários fazem círculos  
em torno dessas posses: tens que pedir desculpa  
pelo jogo de monopólio, deixar que te roubem  
as notas mais altas, as pequenas propriedades  
de plástico sujo. Libertado das tuas diferenças,  
só com má vontade te passam a bola. E, aos pouco,  
tudo volta à mesma forja de revezes, diatribes, mau olhado.  
Num bairro de cegos, depressa aprendemos a odiar a luz.  
(2003, p.21)

E, por fim, Margarida Vale do Gato, uma poeta com apenas três livros de poesia até o momento publicados. Também essa voz feminina não deixará de assinalar a (im)permanência

de Pessoa na experiência e na escrita mais recente. A interrupção do olhar, a interrupção da sintaxe; o jogo do fragmento, a impossibilidade de um caminho em linha reta. O fio que une os poemas é essa reflexividade sobre as coisas e os sujeitos e não à toa o leitor encontra, no caminho, Pessoa e Cesário a irromper sempre nesse lirismo deambulador e desassossegado, dessatisfeito. O poema a seguir, o último neste nosso percurso, poderá dar alguma ideia disto:

Pessoa passeava com spleen bebia  
ao menos todos se cindiam., Cesário  
azedo enlanguescia mas na cidade  
saberás há tropeços maravilhas  
que não vemos, hoje reparei duas vezes  
de manhã primeiro olhando além dos riscos do eléctrico no cimo  
da Rua Voz do Operário; depois no Chiado  
numa esquina quando virei umas escadas  
que se chamam, descobri, Calçada de São Francisco  
(não pensei nisso mas desconfio também  
para te contar, do descalço frade, do curso  
e atenção plena da natureza íngreme,  
nós próprios em ignorância do salto  
que na pedra se entala) para outra rua a descer  
desta vez de lado e a mesma tonalidade  
de denso cinzento raiado escorria ao rio  
o fundo abaulado pelas mesmas nuvens  
movendo-se além do que pode ser dito  
e que terei forma avara de escrever  
pó outro paleta de vidrilhos na água desde  
a cinza azul ao verde assim metálico discreto  
como a patine da beleza eu pensei se  
calhar repete-se toda a gente o momento  
é contínuo e contíguo – e achas que se fosse  
era só não padeceremos de tapumes?  
(2016, s.p.)

Essa deambulação lírica que nos dá a ver uma cidade desagregada mostra-nos também a (im)permanência pessoana no lirismo demasiado urbano, demasiado marcado por sensações e sentimentos de fracasso e de impotência, temperados por ironia e algum sarcasmo. A citacionalidade como repetição é um processo de deslocamento de formas e sentidos. Como prática que integra a criação, problematiza na realidade atual de excesso imagético, textual, consumista, exatamente a ideia de “gênio não original”, como defende Perloff (“[...] escrever num ambiente de hiperinformação, um ambiente, aliás, em que todos são autores.” 2013, p.11). Saímos da leitura desses poetas de agora com uma sensação de releitura, reenvio, fragmentação e hibridismo. As vozes se misturam, as palavras alheias são apropriadas ou desapropriadas, os discursos são deslocados ou ironicamente rearticulados, interpelando-se a relação entre arte e originalidade, ou provocando Pessoa em um dos seus temas mais recorrentes: o homem de

gênio, a sua originalidade<sup>20</sup>. Assim, em relação a Pessoa e suas personas (incluindo entre elas o Cesário tão evocado por Álvaro de Campos), há um jogo de presença e não presença na poesia de agora.

Em um texto há muito publicado (1966, na revista *O Tempo e o Modo*), Eduardo Lourenço questionou uma “Nova Literatura”, sobretudo na prosa ficcional portuguesa, a partir da ideia de desenvoltura e da filiação a Álvaro de Campos “[...] esse terramoto espiritual em contínua expansão [...]”.(LOURENÇO, 1966, p.927). Ao considerarmos a poesia portuguesa destas últimas décadas, poderemos talvez dizer que estamos no ponto máximo dessa expansão onde encontramos bisnetos de Cesário e netos de Campos entrelaçando textualidades diversas que se repetem, para que possamos lê-los na diferença, cumprindo a ideia de Compagnon: “La citation travaille le texte, le texte travaille la citation.[...]” (1979, p.45).

## REFERÊNCIAS

- ABRANCHES, Filipe; FREITAS, Manuel de. **Vai e vem**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005.
- ANGHEL, Golgona. **A forma custa caro** exercícios inconformados. Lisboa: Documenta, 2018.
- BESSA, Carlos. **Em partes iguais**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.
- BENJAMIN, Walter. **Imagens de pensamento**. [Trad. De João Barrento]. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.
- COMPANGNON, Antoine. **La seconde main** ou le travail de la citation. Paris: Éditions du Seuil, 1979.
- DIONÍSIO, João. **Doença bibliográfica**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2021.
- FEIJÓ, António M.; FIGUEIREDO, João R.; TAMEN, Miguel (eds). **O Cânone**. Lisboa: Fundação Cupertino de Miranda: Edições Tinta-da-China, 2020.
- FERREIRA, Patrícia. Entre duas pátrias: o bilinguismo de Fernando Pessoa. **Pessoa Plural**: 6 (O./Fall 2014). [https://www.brown.edu/Departments/Portuguese\\_Brazilian\\_Studies/ejph/pessoaplural/Issue6/PDF/I6A04.pdf](https://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/pessoaplural/Issue6/PDF/I6A04.pdf) . Acessado em 033/08/21.
- FREITAS, Manuel de. **A flor dos terremotos**. Lisboa: Averno, 2005.
- FREITAS, Manuel de. **Vai e vem**. Lisboa: Assírio & Alvim 2005.
- FREITAS, Manuel de. **Pedacinhos de ossos**. Lisboa: Averno, 2012.

---

<sup>20</sup> Indicamos a leitura de PIZARRO (2006).

FREITAS, Manuel de. **Cólofon**. Lisboa: Fahrenheit 451, 2012.

FREITAS, Manuel de. **Gamer over**. Lisboa: Alambique, 2017.

FREITAS, Manuel de. **Jardim da parada**. Lisboa: pararelo W, 2019.

GATO, Margarida Vale de. **Lançamento**. S.l: Douda Correria, 2016.

LANCASTRE, Maria Jose de (Org.). **Fernando Pessoa: uma fotobiografia**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Centro de Estudos Pessoaanos, 1981.

LOURENÇO, Eduardo. “Uma literatura desenvolta ou os filhos de Álvaro de Campos”. In: **O Tempo e o Modo**, Lisboa, Outubro de 1966, nº 42, p. 923-935

MAGALHÃES, Joaquim Manuel. Odiaria ser um totalitário de gosto. Entrevista a Hugo Pinto Santos. **Jornal O Público**, Lisboa, 26/10/2018.

MEXIAS, Pedro. **Em memória**. Lisboa: Gótica, 2000.

MEXIAS, Pedro. **Eliot e outras observações**. Lisboa: Gótica, 2003.

MEXIAS, Pedro. **Contratempo** poemas escolhidos. Rio de Janeiro: Tinta da China Brasil, 2016.

OLIVEIRA, Carlos. **Obras de**. Lisboa: Caminho, 1992.

PERLOFF, Marjorie. **O gênio não original**. Poesia por outros meios no novo século. Trad. Adriano Scandolaro. Belo Horizonte: EdUFMG, 2013.

PESSOA, Fernando. **Páginas de estética e de teoria e crítica literárias**. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Pardo Coelho. Lisboa: Ática, 1967.

PESSOA, Fernando. **Obras em prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1982.

PESSOA, Fernando. **Poemas de Álvaro de Campos** [ed. De Cleonice Berardinelli]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

PIZARRO, Jerónimo (Org.). **Escritos sobre gênio e loucura** — tomo I. Lisboa: Imprensa Oficial — Casa da Moeda, 2006.

PIZARRO, Jerónimo; FERRARI, Patrício; CARDIELLO, Antonio. **A biblioteca particular de Fernando Pessoa**. Vol.1. Lisboa: Dom Quixote, 2010.

PIZARRO, Jerónimo. **Pessoa existe?**. Lisboa: Ática, 2012.

REIS, Carlos. “Nota prévia” in **Cânticos do Realismo** – O Livro de Cesário Verde (coord. de Carlos Reis); Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2015, pp. 7-9.

SALGUEIRO, Wilberth. A tradição visível: poesia e tradição. In: FIUZA, Solange; ALVES, Ida. **Poesia contemporânea e tradição Brasil – Portugal**. São Paulo: Nankim, 2017.

SALOMÃO, Waly Salomão. **Lábia** (1 ed. de 1996). Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

SILVA, José Miguel. **Vista para um pátio** seguido de **Desordem**. Lisboa: Relógio d’Água, 2003.

SILVESTRE, Osvaldo. O Menino (Doutor) entre os Doutores: Fernando Pessoa em Jorge de Sena, nos anos 40». In MARTINS, Patrícia; ANGHEL, Golgona; GUERREIRO, Fernando. **Central de Poesia: A recepção de Fernando Pessoa nos anos 40**. Lisboa. CLEPUL. 2011, pp. 65-86.

TIMÓTEO, Sara. A estratégia de posteridade autoral de Fernando Pessoa. In **Obvius** - [http://lounge.obviousmag.org/o\\_reverso\\_do\\_ser/2015/05/a-estrategia-de-posteridade-autoral-de-fernando-pessoa.html](http://lounge.obviousmag.org/o_reverso_do_ser/2015/05/a-estrategia-de-posteridade-autoral-de-fernando-pessoa.html)

VERDE, Cesário. **Obra completa de**. Org; pref. e notas de Joel Serrão. 6 ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1992.

ZENITH, Richard et al. O que liam os heterônimos de Fernando Pessoa. **Jornal Público** – suplemento Cultura, Lisboa, 17/08/2003. p.36-38.